

O Heterónimo de Camões:
livro epitáfio da psique camonianiana

“Aqui jaz Luís de Camões para todo o sempre.”
Mário Máximo

I

A literatura de Mário Máximo contém dois eixos comuns distinguíveis. O primeiro tem a ver com a linguagem poética: criadora de universos próprios e paralelos, e evocativa do mundo sensível e inteligível. O binómio imaginação e simbolismo torna-se essencial para expressar a complexidade da experiência humana na literatura e Máximo manuseia-o com mestria. Os sentimentos e as emoções atingem o seu auge de intensidade, transcendendo as várias camadas superficiais e quotidianas, e estimulando interpretações subjetivas e espontâneas. Existe uma forte interpelação para a abstração – para imaginar, pensar, questionar. Três verbos imensamente humanos e necessários para nos concretizarmos, nas artes, nas letras, na vida. É desta guisa que o revestimento poético embeleza a espessura existencial e filosófica da literatura maximiana, a qual nos convida a sermos leitores mais atentos, mais sensíveis e mais humanos.

O segundo eixo — a literatura líquida. O elemento água é um símbolo poderoso em diversas culturas e tradições, frequentemente associado à purificação, renovação e transformação. No domínio literário, ele surge associado ao mundo das emoções. Neste livro, a forma emotiva, profunda e consistente como Máximo o explora, potencia o artifício literário¹ como um processo de desautomatização que liberta as palavras, desocultando e (re)descobrendo novas relações e associações poéticas. Desta forma, a água transcorre como metáfora viva para navegarmos pelos nossos “oceanos de sentimentos”², isto é, para navegarmos pela literatura líquida de Máximo, e pelo “mundo líquido” de Camões.

¹ 2009, Carlos Ceia em *E-Dicionário de Termos Literários*.

² Todas as citações sem nome, incorporadas neste texto, são referentes ao *O Heterónimo de Camões* de Mário Máximo.

II

Luiz Vaz de Camões, também apelidado de poeta de Portugal, é um escritor supra e canónico, reconhecido nacional e internacionalmente. Segundo o estudo crítico *National Poets, Cultural Saints*³, Camões, Shakespeare, Dante e Cervantes são poetas nacionais e santos culturais. No caso português, o legado camoniano não só marcou a literatura e identidade portuguesas, como também moldou a consciência nacional. Isto reflete-se ainda no património português, material e imaterial, individual e coletivo, através de diversas expressões políticas, sociais, culturais, literárias e artísticas. Quinhentos anos depois do nascimento do nosso épico, continuamos a celebrar o seu nome e a sua obra (e não só no Dia de Camões), e a atribuir o seu nome a instituições e grandes estruturas de identidade nacional – como sejam o Instituto Camões, ou o futuro aeroporto em Alcochete.

III

No âmbito do quinto centenário de Camões, parece-me adequada uma terceira edição d'*O Heterónimo de Camões*, pois é um livro que homenageia um dos maiores poetas da língua portuguesa, e reflete sobre a complexidade do ser e fazer poético, sob o caleidoscópio da heteronímia. Abordar Camões sob a perspetiva de um heterónimo constituiu uma reinterpretação inovadora, que poderá desvelar facetas ocultas da sua vida e obra. A palavra *heterónimo* deduz-se implicitamente das entrelinhas de uma narrativa em primeira pessoa, e da manifestação poliédrica do inconsciente camoniano. Os seus mundos reflexivos e introspetivos, em permanente diálogo e metamorfose, descerram outros mundos misteriosos e incompreendidos: “A vida tem segredos e mistérios que nos vão sendo revelados sempre que estamos à altura dos seus ensinamentos.”.

Este romance, *demasiadamente* humano, tem nome próprio e espelha sucessivas autoanálises, desdobradas e multiplicadas em outros seres existenciais e literários que habitam o mundo interno camoniano. O mar existencial por onde Camões navega é encrespado, profundo, abissal e desconhecido. Cada página é uma onda de memória, inspiração e sensibilidade, onde “Para se assumir viajar sobre as ondas é preciso fazê-lo dentro do peito primeiro.”. Portanto, de coração e alma,

³ 2016, Jón Karl Helgason e Marijan Dović.

ele cumpriu a sua missão – escrever *Os Lusíadas*. Entregou-se ao devir poético e rasgou-se “existencialmente”, enfrentando naufrágios exteriores e interiores de si mesmo – Dinamene, D. Sebastião, Portugal.

Quem foi realmente Camões, “O homem que escreveu e para escrever viveu?” Escreveu toda a sua alma amargurada e todo o seu coração descompassado. Viveu a loucura do amor e o paradoxo da vida em todas as suas dimensões, inevitavelmente marcadas pela profecia de um destino que não lhe permitiu ser outro, pois a epopeia já estava nele gravada.

Cristiana M. Oliveira